A AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

EVALUATION IN THE PROCESS OF YOUTH AND ADULT LITERACY EDUCATION

Dídima Maria de Mello Andrade[1], Roberta Melo de Andrade Abreu[2], Jucineide Lessa de Carvalho[3]

Abstract *—His article discusses the evaluation in youth and adult education through the instrument called Cognitive Test used in the Literate Brazil Program / All for Literacy - Bahia. In this study, we rely on the bases that support the evaluation, education of youth and adults and the process of implementation of the Cognitive Test. From this discussion, we try to understand whether the assessment instrument in question confirms the principles that guide the evaluation act, and contributes to the following steps in its redesign, monitoring and effectiveness. Still describe the roaming this instrument (Cognitive Test) in its phases and the difficulties, obstacles and successes, taking as its starting point the categories that emerged during its application. These categories relate to the attitude and reaction of learners during test application. It should be said that the analysis of these categories provided a basis for this reflection.*

Index Terms – Evaluation. Young and adult education. Cognitive Test.

APRESENTAÇÃO

O presente texto nasce da necessidade do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos PROEX/UNEB divulgar a prática das ações implementadas no Programa Todos Pela Alfabetização , exigidas pelo Ministério da Educação e Cultura. A publicização destas práticas deve-se ao fato deste Núcleo se constituir unidade formadora de alfabetizadores que irão atuar no Programa. Isto posto, ressalta-se sua responsabilidade em planejar, acompanhar e avaliar. O interesse das autoras na construção desse artigo reside na reflexão sobre o fazer na avaliação, explicitada no instrumento utilizado e denominado Teste Cognitivo de Entrada e de Saída de Leitura e Escrita e Matemática.

Tal reflexão se faz importante a fim de compreender se o instrumento avaliação em pauta corrobora com os princípios que norteiam o ato avaliativo, e contribui para as etapas seguintes no seu replanejamento, acompanhamento e efetividade.

Pretende-se ainda descrever a itinerância desse instrumento (Teste Cognitivo) em suas fases bem como as dificuldades, entraves e acertos, tomando como ponto de partida as categorias que emergiram durante a aplicação do referido. Tais categorias dizem respeito à postura e reação dos alfabetizandos durante a aplicação do teste. Convém dizer que a análise dessas categorias forneceu bases para essa reflexão.

No transcurso da escrita, far-se-á uma breve explanação sobre temas intrínsecos a Educação de Jovens e Adultos desde o seu conceito, fazendo uma relação com o ato de avaliar e o instrumento em questão que é o Teste Cognitivo, desde a sua implantação até a realização nas classes de Alfabetização. Convém ainda dizer que se trata de uma reflexão sobre a aplicação desse teste no ano de 2009, visto que as atividades do ano de 2010 encontram-se em fase de conclusão.

DISCUTINDO CONCEITOS

Para a reflexão aqui apresentada, é imperativo trazer à baila a discussão de conceitos fundamentais para o contexto. Nesse sentido, serão fundamentados os seguintes temas: Avaliação, Alfabetização de Jovens e Adultos e o Teste Cognitivo.

Considera-se avaliação da aprendizagem um elemento que deve servir para subsidiar a tomada de decisões em relação à continuidade do trabalho pedagógico, não para decidir quem será excluído do processo (ENGUITA,1995). A avaliação, muitas vezes, é apresentada ou só percebida como um momento final, porém seu conceito é abrangente e, portanto, deve incluir problemas decorrentes do sistema educacional, de características próprias do indivíduo e de influências ambientais.

Vale a pena ressaltar que a avaliação da aprendizagem é vista, muitas vezes, como uma condição de vulnerabilidade psicossocial. Nesse contexto, os instrumentos de avaliação não garantem aprendizagens, mas podem potencializar a interação entre sujeitos e entre estes e o contexto, construindo uma relação que possibilite realizar variados percursos e aprendizagens pautados na compreensão das

[1]Doutora em Educação Professora Assistente B da Universidade do Estado da Bahia, Coordenadora do Grupo de Pesquisa TECINTED, Professora do Mestrado Gestão em Educação e Tecnologias- GESTEC/UNEB ,Docente de Estágio em em Gestão DEDC /Campus I –UNEB. didima.andrade@gmail.com
[2]Doutora em Educação, Pesquisadora do Grupo de Pesquisa TECINTED /UNEB. Membro do Comitê Científico do IV CONECTE. robertamabreu@gmail.com
[3]Pedagoga, Mestre em Tecnologias da Informação e Comunicação para Formação em Educação a Distância. Membra do Grupo de Pesquisa TIPEMSE – Tecnologia, Inovação Pedagógica e Mobilização Social pela Educação – UNEB (Universidade do Estado da Bahia). Professora da Faculdade Batista Brasileira – FBB. Coordenadora Pedagógica na Secretaria Municipal de Educação de Salvador. jucineidecarvalho@gmail.com
DOI 10.14684/WCCA.8.2015.54-57
© 2015 COPEC

habilidades cognitivas que favorecem a construção do conhecimento,

Enfatiza-se que, de acordo com o pensamento de FERNANDES, (2005) dificilmente haverá mudanças significativas e consistentes nas práticas de avaliação formativa sem uma teoria que, para além de enquadrá-las ao nível dos fundamentos epistemológicos, ontológicos e metodológicos, contribua para a indispensável clarificação conceitual sobre que práticas se deverão apoiar e desenvolver. Convém acrescentar que o baixo rendimento escolar é, também, uma das manifestações mais evidentes das dificuldades de avaliar.

Face ao exposto, questiona-se: os propósitos implícitos no Teste Cognitivo asseveram uma avaliação que contempla os fundamentos que norteiam o ato de avaliar? Não se pode perder de vista que o referido teste foi construído para atender em larga escala. Consequentemente, não atende aos princípios da avaliação visto que a incompletude é característica nas ações pensadas e realizadas pelos sujeitos sociais. Entretanto, conforme se propôs no início desse texto, faz-se necessário uma reflexão acerca de tal instrumento, apoiando-se no referencial teórico que sustenta os procedimentos de avaliação. No decorrer desse texto, far-se-ão presentes categorias emergidas durante aplicação do teste que por certo encaminharão para um pensar acerca do mesmo.

Outrossim, deve-se atentar para as características dos sujeitos da EJA, e para as características locais e culturais; uma vez que no ato de avaliar estão implícitas as subjetividades por isso a importância e necessidade da reflexão. Conforme dito no parágrafo anterior, o Teste Cognitivo foi pensado para atender em larga escala, contudo não se pode perder de vista os fundamentos de uma avaliação formativa que leve em consideração e questione: Quem são os sujeitos da EJA? Como vivem esses sujeitos?Como são tratados?Tais questões permeiam a avaliação e precisam ser observadas e legitimadas na elaboração de instrumentos e nas práticas daqueles que avaliam.

No parágrafo que segue, descreve-se, ainda que de forma suscinta, a Educação de Jovens e Adultos; Não é a intenção das autoras dizer tudo porque não sabem de tudo. Nesse momento, volta-se a legitimar a incompletude, parafraseando MORIN(1986) ao afirmar que nem tudo foi jogado, ou seja, mesmo com a vasta literatura, ainda se tem muito a estudar, descobrir, pesquisar nessa modalidade de Educação.

Atualmente muito se tem discutido sobre a Educação de Jovens e Adultos, revelando que é motivo de novas experiências e estudos por parte de vários teóricos e pelos próprios profissionais de educação que já atuam na área. Diante disso, e com base no pensamento freireano, as instituições vêm sendo impelidas a repensarem os seus papéis, considerando as mudanças que ocorreram na sociedade contemporânea, sem esquecer as diferenças e os diferentes, fazendo com que sejam respeitados, no sentido de que não se reforcem as desigualdades entre os sujeitos. Todos e todas, que quiserem participar, sejam protagonistas desta construção que se constituiu em longa travessia e em um processo dialético e dialógico de tradução, reconstrução e criação do conhecimento, no qual homens, mulheres e crianças se olhem e reflitam sobre suas práticas de vida. Estas práticas educacionais serão refletidas e construídas com sujeitos concretos, em tempos e situações concretas, nas comunidades locais e regionais, das realidades social, política e multicultural, nas quais o olhar desvelará o sonho e a fala revelará a necessidade de mudar.

Nessa perspectiva, a participação da comunidade escolar, bem como de professores, estudantes e especialistas se constituem como parte desse esforço no sentido de viabilizar a proposta pedagógica da EJA que está pautada pelo dever do Estado de garantir a Educação Básica às pessoas jovens e adultas. A Educação de Jovens e Adultos deve ser compreendida enquanto processo de formação humana plena que, embora instalado no contexto escolar, deve levar em conta as formas de vida, trabalho e sobrevivência dos jovens e adultos, principais destinatários dessa modalidade de educação.

Como afirma a VI CONFINTEA, realizada no Brasil em 2009

As estratégias didático-pedagógicas da EJA também tentam superar outros processos ainda marcados pela organização social da instituição escolar, hierarquizada como um sistema verticalizado, com saberes e conhecimentos tomados como "conteúdos", sem os quais o sujeito não adquire a legitimidade pelo que sabe. Argumenta ainda que um currículo para a EJA não pode ser previamente definido, se não passar pela mediação com os estudantes e seus saberes, e com a prática de seus professores, o que vai além do regulamentado, do consagrado, do sistematizado em referências do ensino fundamental e do ensino médio, para reconhecer e legitimar currículos praticados.

Compreendemos, assim, que a formação docente/alfabetizador da EJA, tem sido, pois, alvo de vários estudos por se compreender a importância desse oficio na sociedade; e por ser uma das tendências contemporâneas de estudos sobre formação de professores mais discutidas atualmente, está voltada aos saberes que este profissional desenvolve a partir de suas atividades em sala de aula. A melhoria da educação consiste em rever as políticas educacionais voltadas para uma formação que possibilite enfrentar desafios e contradições sociais. É preciso estudar, compreender o processo de construção e produção do conhecimento e, para tal, é necessário possibilitar uma formação continuada aos alfabetizadores – o que também se propõe nesse artigo. Considerando que os professores/alfabetizadores em formação para a EJA precisam desenvolver competências e habilidades que os permitam planejar, executar e avaliar o seu processo de ensino com atenção à realidade social e identidade cultural dos educandos.

Para uma compreensão sobre o perfil desse aluno,

convém observar o que assevera Oliveira (1999):

> O adulto, para a EJA, não é o estudante universitário, o profissional qualificado que freqüenta cursos de formação continuada ou de especialização, ou a pessoa adulta interessada em aperfeiçoar seus conhecimentos em áreas como artes, línguas estrangeiras ou música, por exemplo. Ele é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles proveniente de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito frequentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-s e ou cursar algumas séries do ensino supletivo E o jovem, relativamente recentemente incorporado ao território da antiga educação de adultos, não é aquele com uma história de escolaridade regular, o vestibulando ou o aluno de cursos extra-curriculares em busca de enriquecimento pessoal. Não é também o adolescente no sentido naturalizado de pertinência a uma etapa bio-psicológica da vida.

Convém ainda lembrar Arroyo (2001) quando nos diz que "os sujeitos da EJA são tratados como uma massa de alunos, sem identidade, qualificados sob diferentes nomes, relacionados diretamente ao chamado fracasso escolar". Ainda chama a atenção para o discurso escolar que os trata, a priori, como os repetentes, evadidos, defasados, aceleráveis, deixando de fora dimensões da condição humana desses sujeitos, básicas para o processo educacional.

É nesse contexto que se insere o Teste Cognitivo como instrumento de avaliação do Programa Brasil Alfabetizado/ Todos pela Alfabetização (Bahia) desde 2004, nas áreas de Leitura/Escrita e Matemática, visando à aferição do desempenho cognitivo dos alfabetizandos jovens e adultos atendidos pelo programa.

O referido teste está sob a responsabilidade direta da equipe do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). Foram empreendidas três ações, frutos do aprendizado proporcionado pela experiência de campo, visando ao redesenho do sistema de avaliação cognitiva dos alfabetizandos atendidos pelo Programa Brasil Alfabetizado.

A construção do teste se deu inicialmente com as Matrizes de Referência – Leitura/Escrita e Matemática – foram aperfeiçoadas, incluindo os avanços trazidos pelas discussões e debates realizados entre o Ceale e a equipe do Departamento de Educação de Jovens e Adultos (DEJA) da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad). Ademais, foram consideradas – quando pertinentes – as recomendações e sugestões contidas nos relatórios de campo, elaborados pelos técnicos responsáveis pela aplicação da primeira versão dos testes cognitivos.

O objetivo do Teste Cognitivo é avaliar o desempenho de seus beneficiários. Essa avaliação pretende medir os impactos da participação de jovens e adultos no Programa, verificando em que medida eles desenvolveram habilidades e conhecimentos em leitura e escrita e em matemática. É seu objetivo também avaliar dimensões cognitivas e culturais associadas ao domínio dos conhecimentos e habilidades adquiridos e à experiência escolar.

EXPERIENCIANDO O TESTE COGNITIVO

A aplicação do teste cognitivo foi antecedida pela realização do planejamento para formação de aplicação do mesmo que se deu em duas etapas: o primeiro momento do trabalho, foi realizado na Sede do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos – NEJA.

O orçamento para aplicação do teste cognitivo foi construído a partir da concepção de um plano de trabalho realizado pela coordenação do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos da Universidade do Estado da Bahia UNEB/PROEX. Tal plano apresenta detalhadamente os custos referentes aos recursos materiais e humanos necessários para assegurar a equipe de trabalho do Teste Cognitivo, bem como a reunião de recursos e condição para a realização das atividades.

Considerando as etapas anteriores do planejamento que corroboraram para a construção das bases de operacionalização do Teste Cognitivo, a fase seguinte para implementação da ação de aplicação foi o levantamento do quantitativo de alunos cadastrados ativos em cada município para indicação da amostragem.

Entendendo que um dos objetivos do Teste Cognitivo é a avaliação de uma política pública (Brasil Alfabetizado – Todos pela Alfabetização/BA), priorizou-se ainda, nessa fase de planejamento, um estudo sobre a avaliação postulada pela Matriz CEALE, suas bases teóricas e paradigmas que abrigam sua proposta de avaliação. Em seguida, promoveram-se espaços de leitura das matrizes que fundamentam o Teste Cognitivo de Saída para apropriação de seus conteúdos e para conhecimento de sua estrutura e organização.

Apontamos como fonte desse estudo:

- Site SECAD/ MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Diversidade)
- Programa Brasil Alfabetizado / MEC
- Programa TOPA (Todos pela Alfabetização- Governo do Estado da Bahia/ Secretaria de Educação)
- Site CEALE (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita)
- Matriz de Referência CEALE
- Manual do Aplicador (Teste Cognitivo Saída)
- Teste Cognitivo (Matemática)
- Teste Cognitivo (Leitura e Escrita)

Obteve-se a devolução de um número significativo de testes mesmo sendo a primeira experiência. Esses foram

devolvidos em tempo hábil para análise e conferência de resultados. De outro modo, se faz necessário registrar também algumas dificuldades enfrentadas no decorrer do processo.

BREVES CONSIDERAÇÕES

Acreditamos que a avaliação é uma importante ação dentro de qualquer prática educativa. Na medida em que avaliamos, não só diagnosticamos uma real situação como também sistematizamos aspectos a serem aprimorados, refeitos e replanejados. Segundo o marco Referencial para a Avaliação Cognitiva do Programa Brasil Alfabetizado(2006), o *Teste Cognitivo* tem como objetivo verificar as habilidades que os jovens e adultos construíram, bem como ampliar cada vez mais o diagnóstico a fim de melhorar a qualidade do programa.

Para a aplicação do *Teste Cognitivo* nas áreas de Leitura/ Escrita e Matemática, estivemos sempre atentos no sentido de obter um resultado mais real possível, ao tempo em que respeitávamos os limites dos alfabetizadores, coordenadores e alfabetizandos, protagonistas do processo. Não raro, na análise dos relatórios de aplicação do teste, constatamos várias dificuldades nessa ação do programa. Dificuldades, porém, que não inviabilizaram sua realização nem tampouco desfaleceu nos alfabetizandos o desejo de aprender.

Trazemos à baila uma reflexão de Lukesi(1997) onde afirma ser a avaliação um ato amoroso. Ato amoroso na medida em que oportunizamos ao outro se conhecer mais e, consequentemente, trabalhar em prol do seu próprio crescimento. Sabemos, evidentemente, das fragilidades concernentes a todo e qualquer programa oriundo de uma política pública principalmente num país em desenvolvimento cuja faixa territorial e a população são imensas. Contudo vale salientar que é possível. É possível uma intervenção exitosa, é possível contar com parceiros que acreditam, é possível encontrar nas pessoas o desejo de mudar, é possível ainda encontrar vivo o desejo de aprender. Ressalte-se que tais constatações se deram durante a aplicação do *Teste Cognitivo.*

Compreende-se que muito ainda há a ser feito e que se fomentam esforços maiores do poder público no sentido de trabalhar ainda mais pela tão nobre causa da Alfabetização de Jovens e Adultos. Busca-se no ideal freireano a esperança de lutar de olhos bem abertos, frente a realidade sem perder de vistas, no entanto, a utopia.

Ao escrever esse texto, teve-se como proposta uma reflexão a fim de compreender se o instrumento avaliação em pauta corrobora com os princípios que norteiam o ato avaliativo, bem como contribui para as etapas seguintes no seu replanejamento, acompanhamento e efetividade. Essa reflexão encaminhou as autoras às considerações acima explicitadas. Convém ainda questionar: O Teste Cognitivo atende aos princípios da avaliação? Continua-se ratificando a importância de rever, repensar esse instrumento visto que se trata de um instrumento inserido em uma política pública.

Nessa perspectiva, o teste representa, assim, um conjunto de práticas que propiciam a medição, a circulação e o consumo de significados no espaço social que não contribui para construções de identidades sociais e culturais conforme a proposta da Educação de Jovens e Adultos.

Diante do exposto, é pertinente rever lógicas e valores que estruturam a organização desse instrumento de avaliação, pois verifica-se que sem essa revisão reproduz-se e legitima-se a visão que se tem dos educandos : sujeitos marginalizados/culpados no processo de alfabetização.

Contudo, ao refletir acerca da Avaliação na EJA, verifica-se ainda a diversidade no perfil dos estudantes: sujeitos com histórias de vida e expectativas em relação à profissão e mundo do trabalho; com distintas concepções da/sobre a vida; níveis diversificados de aprendizagens e de competência cognitiva; porém com um desejo comum: aprender ler e escrever, reescrever sua história, seu estar no mundo.

REFERÊNCIAS

[1] BRASIL, Ministério da Educação. Brasil Alfabetizado: marco referencial para a avaliação cognitiva. Coleção Educação para Todos. 2006.

[2] FERNANDES, Domingos (2005). Avaliação das Aprendizagens: Desafios às Teorias,Práticas e Políticas. Cacém: Texto Editores.

[3] ENGUITA,Mariano Avaliação e aprendizagem Artigo da Publicação Raízes e Asas n. 8. São Paulo: CENPEC, 1995.

[4] MORIN, Edgar. Para sair do século XX. RJ: Nova Fronteira, 1986.